

## LEITURA E ORALIDADE

### ANÁLISE DOS HIPERTEXTOS BÍBLICOS: UMA ORIENTAÇÃO À LEITURA OU UMA RESTRIÇÃO À COMPREENSÃO DO LEITOR? O DESENHO DE UM ESTUDO

*Maria de Nazaré da Silva (UERJ)*

*Cristina Vergnano-Junger (UERJ)*

[crisvj@uerj.br](mailto:crisvj@uerj.br)

#### INTRODUÇÃO

Entre os muitos gêneros que circulam hoje na *Internet*, podemos encontrar os textos bíblicos. A Bíblia tem sido historicamente difundida entre os religiosos e leigos cristãos, desde suas versões em grego e latim, num tempo em que ainda não possuía a forma que hoje conhecemos, até as versões modernas, passando pelas cópias manuscritas e impressas, como no caso da Bíblia de Gutenberg (Silva, 2007). Sua presença na rede mundial de computadores amplia virtualmente seu alcance, mas também insere características próprias do meio em sua estruturação e demanda conhecimentos sobre o manejo da ferramenta computador para seu acesso. Estas observações serviram de motivação para propor um estudo voltado para as implicações do hipertexto virtual bíblico na produção de sentidos durante sua leitura.

Nossa pesquisa procura, então, responder à seguinte questão: os recursos de hipertexto da Bíblia presentes num *site* católico constituem um complemento informativo, ou se caracterizam como elementos coercitivos à livre interpretação do leitor? A fim de responder ao problema, optamos por utilizar como *corpus* da nossa investigação fragmentos do texto bíblico disponibilizado nessa página da *Internet*.

Adotamos para o termo hipertexto o sentido restrito de texto digital (Marcuschi, 2005) que, por suas características, tende a disponibilizar *hiperlinks* que levam o leitor a informações que o autor do *site* julga serem pertinentes ao assunto abordado e/ou de interesse do leitor. Tais informações encontram-se dispersas em diferentes textos, unidos por esses *links*, em destaque em cada página acessada.

O *site* escolhido como objeto de estudo é de domínio da Espanha devido ao fato de essa pesquisa estar sendo desenvolvida para um trabalho de conclusão de curso de Língua Espanhola. Embora o alcance do *site* seja mundial, destacamos sua ênfase aos países que têm o espanhol como idioma oficial, ou a usuários que buscam uma versão hispânica digital da Bíblia, entre outros motivos, por dominarem o idioma.

As perspectivas que assumimos sobre o conceito de leitura baseiam-se na vertente da Análise do Discurso (AD) que volta seus estudos à construção do sentido privilegiando a interação com o texto (Possenti, 2001). Toda enunciação, escrita ou falada, envolve uma função social, seja a de convencer, explicar, informar, entre outras, considerada no processo de significação. E vários fatores influenciavam e/ou restringem as possíveis construções de sentidos: gêneros, formação discursiva, conjunto da obra de um autor, lugares sociais ocupados pelos coenunciadores. Essas questões podem ser caracterizadas através da observação de marcas linguísticas que os enunciadores deixam em seu texto. Tais marcas constituem o objeto da nossa pesquisa.

Neste artigo, apresentamos uma revisão sistemática de aspectos da Análise do Discurso que fornecem a base teórica para as análises que propomos realizar no *corpus*. Descrevemos, também, o desenho metodológico da pesquisa, e a caracterização dos coenunciadores do texto em estudo. Concluímos com breves reflexões a respeito dos resultados que esperamos encontrar.

## O PROCESSO DE LEITURA MEDIADO POR COMPUTADOR

O processo de leitura sofreu transformações ao longo da história. No passado, numa época em que os textos eram manuscritos e de circulação mais restrita, era feita em praça pública por um orador aos assistentes que apenas ouviam. Com o advento da imprensa, as pessoas passaram a fazer leituras próprias e, geralmente, silenciosas (Chartier, 1990 *apud* Aquino, 2007). Hoje, com avanços da tecnologia, principalmente com a *Internet*, temos uma maior facilidade para encontrarmos objetos de leitura. As pessoas não necessitam sair de suas casas, nem ir até uma biblioteca para encontrar uma obra rara,

## LEITURA E ORALIDADE

por exemplo. De seus telefones ou computadores fazem a solicitação a uma livraria que entrega o produto desejado em casa, ou mesmo conseguem a obra almejada disponível para *download* em diversos *sites* (Marcuschi, 2005). O acesso a materiais de leitura tornou-se, portanto, uma atividade mais prática. Com um computador conectado à *Internet*, o leitor pode ler obras em qualquer língua, de qualquer tempo, sem necessariamente precisar comprá-las, desde que disponibilizadas em rede.

Se surgem novas formas de acesso e suportes e se alteram os objetos de leitura, supõe-se que haverá também uma mudança no leitor e no processo de compreensão leitora (Soares, 2002). Se antes o processo requeria sua atenção silenciosa nas sessões de leitura coletiva, ou a sequencialidade no folhear as páginas de um livro, o leitor passa a ter uma maior liberdade e possibilidades de formas de conduzir sua leitura, quando considerado o suporte digital, ou o acesso *on line*. Torna-se o leitor uma espécie de co-autor a partir do momento em que sua leitura vai sendo construída pelas diversas escolhas que ele faz ao “navegar” pelas páginas oferecidas ao acessar um texto eletrônico (Komesu, 2005).

A mudança no suporte e no processo de leitura trouxe, também, como comentamos, uma mudança nos objetos de leitura. Se antes esses eram os livros e outros tipos de impressos, com aspecto palpável, o computador e a *Internet* possibilitam a leitura na própria tela, de textos virtuais, imateriais. Além disso, com a extensa disponibilização de livros, dicionários, enciclopédias na rede, o leitor pode recorrer a diversas fontes de apoio e de referência para atender a necessidades de sua leitura, bastando utilizar buscadores ou acessar *links* no próprio texto lido, através de cliques do *mouse* (Soares, 2002).

A acessibilidade e fragmentação do texto digital estão relacionadas ao seu elemento constituinte: o hipertexto. Este tem como característica mais peculiar o fato de poder ser acessado por milhares de pessoas simultaneamente. Diferentemente do texto impresso para o qual, no caso de uma leitura silenciosa, conseguimos imaginar no máximo três leitores dividindo um texto, o digital pode ser lido por leitores dos mais variados lugares, em diversos momentos ou concomitantemente. O texto impresso está também limitado ao número

de exemplares, muitas vezes raros, que podem perde-se ou estar restritos a grupos de leitores. Já os *sites* tendem a manter arquivos de suas publicações, como hemerotecas dos jornais, por exemplo, em que o leitor pode encontrar mais facilmente uma reportagem de anos. Apesar disso, cabe lembrar que os conteúdos dos *sites* são mutáveis e efêmeros. Não há garantias de sua manutenção, nem de que seu endereço eletrônico se continuará o mesmo, o que constitui um fator complicador da leitura virtual (Komesu, 2005).

Energia elétrica (ou baterias) e um computador (ou telefone com capacidade de navegação) conectado à *Internet* são os requisitos fundamentais para que o processo de leitura *on line* possa ocorrer. Não são requeridos conhecimentos profundos e específicos de informática por parte do leitor. Mas, ainda assim, continuamos ouvindo depoimentos sobre a resistência de alguns possíveis usuários e suas dificuldades em manejar os recursos variados que o meio oferece. Nesses casos de rechaço à navegação na *Internet*, cabe também a possibilidade de o leitor imprimir suas páginas de leitura e, assim, transformar o texto digital num texto impresso. Isso elimina os recursos multissemióticos viabilizados pelo computador. No entanto, ao ser capaz de imprimir diversas páginas, trechos de textos e/ou imagens que mais lhe interessarem, filtrando e selecionando materiais, o leitor deixa de ser um ente passivo diante das informações, transformando-se no co-criador de um texto único e seletivo (Soares, 2002).

Pelo exposto até o momento, concluímos que o texto digital *on line* apresenta entre suas características a não-linearidade, construída pelo leitor, originada na falta de obrigatoriedade de uma leitura sequencial para a compreensão do texto. O leitor escolhe seu caminho, constrói sua leitura. A construção dessa não-linearidade ocorre quando o leitor, ao deparar-se com um *hiperlink* oferecido pelo autor do *site*, segue lendo por meio deste, abandonando, temporariamente ou não, a leitura inicial. Essa forma de não-linearidade, embora marcada por uma escolha de trajetória pelo leitor, ainda o subordina relativamente ao enunciador. Isso porque este julgou ser tal item significativamente importante a ponto de merecer um *link* a ele associado.

## LEITURA E ORALIDADE

Essa subordinação do leitor, que pode implicar certa passividade quanto à construção de sentidos, torna-se mais marcada quando constatamos que, em muitos casos, tais marcas são recursos comerciais. Esses *links* direcionam o leitor para *sites* cujos serviços oferecidos são os de venda de produtos, ou propagandas. Trata-se de conteúdos que podem ter, ou não, alguma relação com o texto percorrido em tela e, ocasionalmente, constituem fonte de lucro para o enunciador. Tais produtos e publicidades com frequência não são objeto de interesse do leitor, em especial, quando fogem ao tema do material lido, rompendo seu fluxo original de leitura (Marcuschi, 2005).

Há também outra forma de não-linearidade que se caracteriza como mais ativa para o leitor. Quando ele opta por abrir diversas páginas com o mesmo assunto para fazer uma analogia, ou mesmo seguir a leitura que lhe pareça mais prazerosa, toma o controle mais direto de sua trajetória leitora. O mesmo ocorre quando utiliza *sites* de busca para encontrar referências a/de termos que desconheça ou queira conhecer mais profundamente. Nesses casos, o leitor pode encontrar um mesmo assunto tratado de variadas formas: religiosa, legal, cívica, acadêmica, popular. Suas opções a partir daí levam-no a uma forma específica, a interessar-se por uma vertente, ou a compor sentidos pela confluência de diversas perspectivas (Komesu, 2005).

Ao ler um material impresso, um leitor pode também fazer sua própria sequência, como ao pular capítulos, ou ler primeiro o final para ver se lhe interessará a história. Mas um livro impresso para ser compreendido deve ter, em geral, sua sequência respeitada e seguida. Suas notas vêm indicadas no rodapé ou ao final, postas ali pelo autor, tradutor ou editor como suficientes para uma leitura satisfatória. Num texto eletrônico, ao contrário, o leitor tem mais facilidade em acessar tanto as indicações do próprio texto, como aquelas que ele mesmo adotar de forma independente (Komesu, 2005). Esse é o aspecto que destaca a relevância da não-linearidade na leitura virtual e é marca característica do hipertexto.

Uma última característica das páginas virtuais que nos parece pertinente destacar neste estudo é a multissensuosa. Trata-se da possibilidade de cores, sons, textos, imagens fixas e em movimento estarem presentes num mesmo endereço eletrônico, contribuindo para a construção do texto. Funciona como um elemento atrativo ao usuá-

rio, transformando a leitura em algo mais dinâmico e num processo mais completo (Lacerda, 2008). A tecnologia informática permite que o usuário, por exemplo, aprenda algo à distância, mediado pelo computador, ouvindo aulas e não apenas lendo lições. A cada dia aumenta a quantidade de instituições oferecendo aulas virtuais, incorporando essa tecnologia às que tradicionalmente se utilizavam para a educação à distância (textos impressos, material de áudio transmitido por rádio, ou fitas e vídeos).

A multissensuosa favorece a constante renovação do *site*, pois, quando o usuário o acessa, pode deparar-se com uma imagem para, instantes depois, vê-la transformando-se numa outra. Também requer o desenvolvimento de um sentido mais amplo de leitura, que ultrapassa a decodificação de palavras e frases, para incorporar a compreensão de mensagens veiculadas através de diferentes linguagens simultaneamente e de forma integrada (Lacerda, 2008).

Todas as características descritas até agora levam à conclusão de que o meio digital oferece um espaço altamente interativo, no qual o leitor pode co-participar da construção de sentidos, utilizando linguagens distintas e propondo trajetórias próprias. No entanto, também se confirma a necessidade de expandir o processo leitor para além da decodificação. O variado leque de recursos disponíveis, a fragmentação, não-linearidade, virtualidade, caráter efêmero e a dificuldade de estabelecer autoria e idoneidade de fontes, já que qualquer um pode publicar na *Internet*, demandam criticidade e atenção aos objetivos de leitura por parte do sujeito leitor. Sem isso, o risco de perder-se ou não levar a termo satisfatório os propósitos inicialmente definidos ao acessar um *site* pode ser bastante comprometedor para o processo de compreensão (Marcuschi, 2005).

## O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Em nenhum momento visamos à Bíblia com enfoque religioso, nem temos como intenção avaliar se sua apresentação influencia a crença dos que a leem ou nela acreditam. Nossa pesquisa caracteriza-se como um estudo documental, qualitativo, cuja proposta é a análise visual do *site* escolhido num primeiro momento e, noutro, dos recursos linguísticos aplicados aos fragmentos selecionados.

## LEITURA E ORALIDADE

Com o suporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de base enunciativa e das teorias acerca do texto digital e do ciberespaço, objetivamos discutir o papel dos hipertextos de um texto bíblico presente num *site* católico de domínio espanhol.

A escolha do *corpus*, como já assinalamos anteriormente, atende a dois aspectos. Primeiro, está motivada pela própria penetração da Bíblia na sociedade ocidental enquanto fonte de discurso religioso. Segundo, está voltada para especificidades da língua espanhola e seu uso discursivo, já que se insere no contexto de formação da pesquisadora principal, como estudante de espanhol.

Uma vez que não encontramos até o momento muitos estudos orientados para finalidades semelhantes, nosso trabalho se reveste também de um caráter exploratório e descritivo. Por meio da caracterização dos coenunciadores e das marcas de *ethos* em cruzamento com os conteúdos e formas das notas hipertextuais de fragmentos recolhidos do texto bíblico, pretendemos refletir sobre as relações de sentido que podem ser construídas e os efeitos do discurso publicado. Com isso buscamos responder a questão central do nosso problema: se as marcas linguísticas permitem identificar coerção ou orientação à leitura.

A seleção dos fragmentos a serem analisados se fará em função da sua apresentação na página, facilidade de acesso e objetivos expressos. O próprio conteúdo do texto fornecerá as indicações para estabelecer os recortes.

### UM PRIMEIRO EXERCÍCIO DE ANÁLISE:

#### *Ethos dos coenunciadores*

O *ethos* é a marca linguística que define a relação de enunciadador-enunciado-coenunciador, ou seja, todo o propósito do discurso pensado pelo enunciadador para aquele a quem enuncia. Através dele construímos a imagem discursiva dos sujeitos da enunciação: a que o enunciadador constrói de si e a que projeta para o seu co-enunciador, por meio de seu dizer (Maingueneau, 2002).

No *corpus* analisado, o enunciadador deixa explícito no texto sua relação com a Igreja Católica, ou seja, caracteriza-se como um

transmissor dos seus ensinamentos. No espaço do *site*, as marcas mais claras dessa caracterização estão na coluna lateral, onde há *links* em cujos assuntos constam referências como: “*lo que la Iglesia profesa*”, “*lo que la Iglesia vive*” e “*lo que la Iglesia reza y profundiza*”. Isso reforça o caráter de um enunciador que é porta-voz dos preceitos dessa Igreja. Além disso, há um rol de referência a grupos religiosos, em “*Apoyan a la sección*”, que apóiam a referida seção.

Estes são recursos utilizados para dar autoridade ao discurso do *site*. Apesar de ser escrito em um ambiente virtual, o enunciador demonstra que mantém uma relação com a Igreja Católica e seus movimentos, familiarizando os religiosos e leigos praticantes com o seu ambiente de prática religiosa.

O *ethos* da enunciação apresenta uma ação sobre o co-enunciador, fazendo-o reconhecer-se na cena enunciada (Maingueneau, 2002). No caso do *corpus* analisado, os recursos utilizados pelo enunciador de apresentar o conteúdo do *site* como desenvolvido para católicos, faz com que estes se sintam reconhecidos como co-enunciadores e, conseqüentemente, que se identifiquem como católicos. Ou seja, se reconhecem na sua religião como usuários privilegiados de um *site* que se apresenta como o lugar de encontro desse grupo social. Além disso, se mostra como um espaço de divulgação dos ensinamentos e pregações da Igreja Católica, sendo não só um ambiente de visitação e leitura, mas de propagação e prática da religião.

O fato de os *links* se dirigirem diretamente aos leitores, com perguntas e apelos diretos marca a *interface* enunciador/coenunciador, tratado de forma particular, como alguém único. Encontramos exemplos em “*Envía un mensaje com la clave PALABRA y recibe en tu celular el Evangelio del día.*” e “*...sólo tienes que dar un click en el título que deseas consultar.*”

## LEITURA E ORALIDADE

### *Polifonia, marcas de pessoa e caracterização do enunciador e sua mensagem*

Todo enunciado tem uma autoria, ainda que desconhecida. Esse autor, ou equipe autora, pode utilizar discursos de outros para dar credibilidade ao seu texto, ou mesmo para se isentar da responsabilidade de algo que publicou (Maingueneau, 2002).

Na nossa análise, verificamos que o *site* é posto como o enunciador dos textos, referenciado como *Catholic.net*. Por mais que saibamos que há pelo menos uma pessoa por trás de toda construção da página, em nenhum momento ela é citada ou identificada, não há referências sobre esse “eu físico”. Por outro lado, frente à cena da enunciação, o *site* assume posições diferentes ao trazer vozes diversas para o enunciado.

Entre as vozes encontradas no *corpus*, verificamos a presença de um “eu”, mesmo que não assinalado pela primeira pessoa verbal, funcionando tanto como “referência enunciativa” como “responsável pelo ato de fala” (Maingueneau, 2002). No primeiro caso, temos os diversos *links* que levam aos livros da Bíblia, como também a anúncios de livros e cursos católicos e a tópicos como “*La palabra del papa*”. O *link* leva o leitor ao discurso do enunciador *Papa*, cuja palavra é recolhida e reproduzida no *site* na qualidade de autoridade máxima da Igreja.

Encontramos uma marca de responsabilidade pelo ato de fala quando o *site* anuncia que põe à disposição dos católicos a Bíblia para ser consultada: “*Catholic.net pone a disposición de sus visitantes, la Biblia.*”. Mas o *site*, ainda que o assumamos como responsável por essa enunciação, surge em terceira pessoa. Essa ausência da marca de primeira pessoa poderia ser identificada com geradora de um efeito de sentido de coletividade. *Catholic.net* não é um indivíduo, mas uma instituição composta de várias pessoas que se dirige aos católicos e lhes oferece material pertinente à sua fé e vivência religiosa. A distância e objetividade geradas pela escolha da não-pessoa (Cervoni, 1989) podem, ademais, ser consideradas como elementos de reforço à ideia de autoridade. E, quando se faz uma enquete no *site*, perguntando “*¿Qué opinas de Catholic.net?*”, o uso da terceira pessoa funciona tanto como referência enunciativa, quanto como indício do responsável pelo ato de fala.

Ao mesmo tempo em que *Catholic.net* funciona como um representante da Igreja Católica, tendo autoridade para abordar as questões referentes à religião e seus dogmas apontando ao próprio domínio em terceira pessoa, se isenta quando anuncia a palavra do papa e de outras legiões ligadas à Igreja, que também é tratada em terceira pessoa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse levantamento teórico, principalmente acerca do ambiente digital de leitura, temos como objetivo aprofundar nossa análise voltando-nos aos recursos linguísticos presentes nos exemplos citados e noutros encontrados no *corpus* da pesquisa.

Até o momento, centramo-nos na caracterização dos coenunciadores. Pudemos observar que o discurso favorece a inserção de ambos no mundo católico. O enunciador se caracteriza como autoridade que fala em nome dos preceitos da Igreja e é apoiada por esta. Os co-enunciadores construídos por esse mesmo discurso são católicos engajados e interessados nos assuntos de sua religião. Eles encontram no *site* um espaço privilegiado para um processo de formação contínua e interação com os elementos de sua fé.

A próxima etapa da análise se voltará para fragmentos hipertextuais específicos, visando à discussão sobre as coerções geradas nos discursos do enunciador à prática de construção de sentidos na leitura dos co-enunciadores.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Magno Geraldo de. Texto digitalizado ou rolo tecnológico? 2007. Disponível em <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/1939/1687>, acessado em 21/09/2008.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertexto *in* Interação na *Internet*: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.87 –108. Disponível no *site*

## LEITURA E ORALIDADE

<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/hipertexto.pdf>, acessado em 23/08/2008.

LACERDA, Naziozênio Antônio. Hipertexto: A superação do paradigma de produção textual. Disponível em <http://www.ufpi.br/mesteduc/eventos/iiiencontro/gt4/hipertexto.pdf>

LEVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34,0 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Pragmática para o discurso literário. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

———. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A coerência no hipertexto. **In:** COSCARELLI, Carla. RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? **In:** MARINHO, Marildes. (org). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SILVA, Wagner Bandeira da. *E-BIBLE: características de hipertexto na bíblia impressa e digital*. Dissertação (Mestrado em Artes e Design)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível no *site* [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG\\_0490.D2W/INPUT?CdLinPrg=pt](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_0490.D2W/INPUT?CdLinPrg=pt). Acessado em 17/09/2008.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. Campinas, 2002.